

*A classe operária vai ao campus: esboço de história social,  
trabalho precário, resistência e ousadia na universidade  
brasileira contemporânea*  
de Carlos Bauer

São Paulo: Instituto José Luis e Rosa Sundermann, 2010

**Cássio Diniz**

Professor de História da Rede Estadual de Minas Gerais; Mestrando do PPGE –  
Universidade Nove de Julho.  
São Paulo, SP – Brasil  
cassiodiniz@hotmail.com

O caráter da universidade brasileira na atualidade. Um tema que, muitas vezes, gera opiniões controversas. Isso, se nos restringirmos apenas à esfera acadêmica. É nesse caldeirão de ideias em chamas que o professor Carlos Bauer mergulha ao escrever o livro *A classe operária vai ao campus*, lançado em 2010 pela Editora Instituto José Luis e Rosa Sundermann.

Bauer, por si só, já carrega, nas costas, um histórico de engajamento nos movimentos sociais do Brasil, nos últimos anos. Primeiramente, no movimento estudantil e, posteriormente, no sindicalismo docente da rede pública paulista, na década de 1980, inclusive, participando da formação do Partido dos Trabalhadores (PT) e da Central Única dos Trabalhadores (CUT), em São Paulo. Posteriormente, já na década de 1990, rompe com esses agrupamentos e ingressa no recém criado Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU).

Esse histórico de militância acabou construindo dentro de si – e isso é visível em seus escritos – uma carga teórica e empírica com base nas obras de Marx, Lênin e Trotsky, personagens que dispensam apresentações. Suas influências podem ser notadas em obras anteriores, como *O despertar libertário*, de 1994, *A hegemonia vermelha*, de 1995, ambos publicados por Edições Pulsar; *Breve história da mulher no mundo ocidental*, publicado, em 2001, pela Xamã; ou, ainda, em trabalhos mais recentes, como é o caso de seu livro *Reflexões sobre o tempo, a história e a utopia do cotidiano escolar*, lançado em 2005, também pela Pulsar, sem falar em *Introdução crítica ao humanismo dialógico de Paulo Freire*, publicado em 2008, pela Sundermann. Todas elas refletem a opinião de

Carlos Bauer em relação ao modelo socioeconômico vigente e seu desejo de transformação.

Atualmente ele é professor do Programa de Pós-graduação (*strictu sensu*) em Educação da Universidade Nove de Julho de São Paulo (UNINOVE).

O livro *A classe operária* suscita uma análise bastante interessante sobre a universidade brasileira atual: o processo de mercantilização da educação e seus efeitos no ensino superior, apontando a crise pela qual a mesma passa na cotidianidade.

Mas, ao tratar o assunto, o autor não o faz diretamente; levanta algumas observações que não podem ser menosprezadas ao se pensar a esse respeito.

Primeiramente, faz um recorte sobre o descaso do Ensino Básico brasileiro, dando destaque às condições materiais e políticas da rede pública, apontando a irresponsabilidade dos governos em relação ao descumprimento de leis, a falta de investimento suficiente, o sucateamento de escolas e de outras instituições de ensino, bem como a precarização do trabalho do profissional da educação. Todos estes problemas são apontados pelo autor como a principal fonte geradora de uma massa de estudantes que não dominam as qualidades necessárias para a atuação na sociedade. Aponta, também, alguns dados, como aqueles que informam que apenas 28% da população, entre 15 e 64 anos, são efetivamente alfabetizados e que mais de 70 % se enquadram como ágrafos (incapazes de ler ou de escrever o mínimo) ou analfabetos funcionais (aqueles que não são capazes de interpretar o que leem). Isso é assombroso, pois apesar de o discurso oficial afirmar que mais pessoas estão tendo acesso ao ensino público e, por consequência, permanecendo na escola no período desejável, os estudantes não estão absorvendo os conteúdos necessários à sua vida.

Esta realidade da educação básica brasileira torna-se pior, segundo Bauer, pois esses mesmos jovens desejam ingressar na universidade, com o objetivo de ascender socialmente, mas que acabam pagando o preço alto por não possuírem uma carga cultural necessária como pré-requisitos nos bancos acadêmicos.

Entrando no estudo sobre o ensino superior, o autor faz uma abordagem histórica da universidade brasileira nos últimos 40 anos. Da instituição sustentada e organizada pelo poder público para a formação da elite intelectual, econômica e política da nação, a universidade foi se transformando em um nicho de mercado importantíssimo para o capital, insaciável na busca de novas fontes de obtenção de lucro. O processo pelo qual isso foi possível começou no período iniciado pelo golpe

civil-militar, em 1964, mas que ganhou força nos governos pós-redemocratização, como no do “intelectual” Fernando Henrique Cardoso.

Carlos Bauer aponta, neste caso, que o governo de FHC foi o responsável pela adoção e aplicação da cartilha neoliberal nas políticas educacionais do setor, quando, no período de 1995 a 2002, registrou-se a diminuição de instituições de ensino superior público e o aumento vertiginoso das particulares. Essa nova configuração apresenta números surpreendentes, que revelam que a grande maioria dos estudantes universitários brasileiros se encontra em instituições privadas com fins lucrativos. E são exatamente os estudantes de origem proletária, que, até pouco tempo, não tinham acesso a esse nível de ensino, que acabam se tornando os principais “consumidores” dessa mercadoria.

Diante de tão espantosa expansão do ensino superior privado no país, cresceu também a necessidade de mão de obra para suprir as salas de aula. Os professores universitários, antes possuidores do apelo social dado pela exclusividade da carreira, vêem aumentada sua carga horária, atribuições, obrigações e pressões por produção de resultados. A coisificação dos docentes é perturbadora e seu reconhecimento social e profissional é feito por meio da produtividade cada vez mais crescente, ao mesmo tempo **em** que operam em condições mínimas de trabalho. Ao mesmo tempo, ocorre o seu empobrecimento objetivo e subjetivo. O fenômeno da proletarização desses profissionais é bem analisado por Carlos Bauer no capítulo 5 do livro em tela, apesar de o mesmo destacar que [...] o professor universitário faz parte das classes trabalhadoras da população brasileira, com capacidades de obter rendimentos bem acima das médias de outros extratos dos assalariados nacionais [...] (BAUER, 2010, p. 51).

Vale ressaltar a observação existente sobre a relação existente entre professores e instituições de ensino. No caso das Instituições de Ensino Superior (IES) particulares, salvo exceções, o relacionamento é bastante desgastante: de submissão, de sofrimento e esvaziadas de propósito, que não contribuem para o efetivo compromisso acadêmico.

O autor faz também algumas afirmações que, na visão de quem escreve, são importantes para os educadores não se desiludirem. Barrar o processo que leva os docentes universitários para essa realidade torna-se importante neste momento, pois seu ofício, apesar de tudo, continua com responsabilidades éticas, políticas e sociais para com o conjunto da sociedade. Como primeira tarefa apontada por Bauer está a busca da identidade social do professor universitário e sua localização no cenário

da luta de classes, para que possa superar a falsa consciência que tem de si mesmo e construir sua identidade de classe como combatente das causas sociais (2010, p. 68), sendo necessário para isso o resgate histórico do papel dos docentes na formação acadêmica no Brasil e nas transformações políticas ocorridas na sociedade nos períodos importantes da história do país.

A obra também não se esquece de fazer algumas considerações sobre as instituições de ensino superior, públicas e privadas, no sentido de que é preciso resgatar e cobrar o conceito acadêmico das mesmas, dando respaldo à tríade de suas missões institucionais: o ensino, a extensão e a pesquisa de qualidade e socialmente comprometida.

Por fim, o autor faz uma reflexão histórica geral sobre o século XX no Brasil e, particularmente, sobre seus reflexos na educação, inclusive, apontando a disputa de um projeto político nacional de sociedade após a redemocratização e sua repercussão no ensino superior do país.

É importante ressaltar algumas afirmações muito pertinentes em relação aos docentes. Segundo Bauer, o professor é um personagem importante, não só na história da educação brasileira, mas também como fomentador do conhecimento necessário, que contribuirá para o processo de edificação de uma nova ordem, pautada na igualdade social. Como diz a própria citação adicionada por Bauer no capítulo 4: “[...] a cultura é o instrumento principal da opressão de classe. Mas também pode torna-se um instrumento da emancipação socialista” (TROTSKY, apud BAUER, p. 46).

Sendo uma obra que busca analisar e compreender não só o ensino superior brasileiro, mas também a própria realidade da sociedade capitalista, o livro é recomendado para docentes universitários, para os professores da rede pública e privada e para estudantes candidatos ao ingresso nesse universo que, apesar de, à primeira vista, ser bastante desanimador, acaba nos apontando para uma nova perspectiva de encarar a profissão e o nosso papel perante a sociedade.